CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

JECA TATU É UMA VINGANÇA

Sérgio Milliet

Artigos publicados em 20 de março e 2 de maio de 1946, em *O Estado de S. Paulo*, e incluídos no *Diário Crítico* do autor (São Paulo, Martins, 1947, p. 53-57 e 69-71) de onde o reproduzimos.

Lendo essa excelente apresentação da poesia brasileira (C.E.B. Rio 1945), que Manuel Bandeira escreveu como prefácio a uma antologia por demais sucinta, encontro uma frase de importância histórica. Refere-se o autor ao início do modernismo no Brasil e à primeira exposição, em 1916, de Anita Malfatti. "A exposição suscitou grande escândalo. O escritor Monteiro Lobato escrevera a propósito dela um artigo cujo título era "Mistificação ou paranóia". Mas os trabalhos expostos provocaram o interêsse de um grupo de rapazes entre os quais Mário de Andrade e Oswald de Andrade". Não pretendo repisar o assunto, mas apenas frisar a atitude, já então hostil, de Monteiro Lobato (moço naquela época embora velho de sensibilidade) contra toda e qualquer espécie de manifestação artística original, toda e qualquer curiosidade diante da produção intelectual mais moça, menos amarrada ao convencionalismo. A incompreensão de 1916 cresceu e se fortaleceu no caricaturista amargo de Jeca Tatu, o que o levou no fim da carreira a escrever prefácios para livros medíocres e diatribes contra os inovadores de maior ou menor talento.

Na hora em que se inicia a publicação de suas obras completas (Livraria Brasiliense Editora), consagração em vida de um contista que sem dúvida alguma ficará na história de nossa literatura, essa observação pode servir de ponto de partida para uma crítica severa (justa ou injusta não sei) do homem e da sua produção. Nessa frase se resume o espírito de Lobato, desse homem feito de inteligên-

cia lógica e formal e que carece por completo de simpatia. Nela se exprimem a incompreensão, a ausência de inquietação e a suficiência com que, graças aos seus dotes indiscutíveis de escritor, soube construir uma obra à primeira vista durável. Já me referi à importância do ressentimento na criação literária de Lobato. Jeca Tatu é uma vingança. A vingança do fazendeiro fracassado contra o caboclo que lhe põe fogo na mata. É o julgamento de um representante da classe dos que possuem alguma coisa e por isso mesmo não podem compreender a psicologia diferente dos miseráveis. A sentença inapelável dos que não perceberão jamais que viver não é apenas criar riqueza. Dos que embora não dêem aos desgraçados os meios de se educarem e requintarem exigem dos pobres diabos uma atitude na vida semelhante à sua própria. Dos que pensam sempre ser uma grande honra para o escravo servir o senhor e encaram o descontentamento dos subordinados como se fossem gestos de ingratidão. A hostilidade de Lobato ao modernismo é por seu lado uma manifestação de despeito que se evidenciará principalmente na sua crítica de arte baseada na concepção primária de uma pintura fotográfica, de uma escultura naturalística, o que se origina por certo da ingênua convicção num progresso contínuo, na superioridade de nossa civilização ocidental sobre as demais. Também já tentei desfazer a lenda do displicente ceticismode Lobato, na realidade um pessimista vencido e amargurado. Esse homem, que teve um dia vinte anos, nasceu sem entusiasmos, sem generosidades, atento aos errinhos alheios, ou escandalosamente condescendente, em suas apresentações e prefácios a ponto de duvidarmos de sua sinceridade e descobrirmos sob a máscara bonachã o rítus cruel de quem, por farsa, comete uma má ação. Entretanto os recalques encontram uma válvula na sua literatura infantil, o que nos induz a pensar que o fundo é bom e o ressentimento não se extravasa sobre os inocentes, mas apenas, sobre os homens "ruins" que se opõem à realização de suas ambições. Essa psicologia de compensação necessária explica o sarcasmo de seus melhores contos e a perfeição de sua técnica. E também explica por que os outros contos, de cuja ação não participa diretamente como autor, são tão convencionais, e ainda por que esse artesão habilidoso da linguagem não consegue superar a imitação admirável de seus modelos e chegar a uma expressão nova, ousada, sua, muito embora haja explorado com facilidade o assunto regional.

A mesma concepção estreita de um naturalismo que, na pintura, o levaria à admiração do que há de mais exterior nas obras do passado, a cópia meticulosa da realidade aparente e pitoresca faz que, em literatura, Lobato não ultrapasse a reprodução exterior e pitoresca da anedota ou do fato cotidiano. Alguma imaginação, pobre contudo, porque pouco criadora, e muito silogística, um senso agudo da narrativa, um comportamento exemplar ante as lições de gramática, eis as qualidades que tornam acessível ao grande público, e dele apreciada essa literatura sem mistérios, de pouca distância e muitos atavios. Alguém, (a defini-

ção é reproduzida por Mário da Silva Brito em artigo publicado no jornal *Hoje)* disse que Monteiro Lobato era um Cornélio Pires passado a limpo. Evidentemente é exagêro caricatural mas a definição na sua essência está certa: o que vale nele é a anedota e toda a sua arte consiste em valorizar os efeitos que alguma prática do gênero já nos permite prever sem grande esforço. Em nenhum de seus contos observa-se qualquer inquietação, por menor que seja, diante do mundo ilógico e profundo da alma, qualquer tentativa de dar a sua expressão a uma forma mais penetrante ou agressiva. Tudo é fácil, limpo, segundo as boas regras de bem-dizer. Não se imagine entretanto que eu me insurja contra a clareza, nem mesmo (Deus me livre) o bom comportamento, e esteja convencido de que o escritor atual deve ser obscuro ou torturado. Mas há clareza e clareza. Há a clareza dos simples, há a dos que pensam com clareza (o que não os impede de ser humanos e de participar da humanidade) e há a clareza dos que são apenas áridos. E há ainda a falsa clareza dos que, recusando-se a enfrentar os problemas por preguiça ou covardia, despeito ou incultura, suficiência ou ressentimento, adotam uma atitude cômoda da incredulidade, desamor, chacota. Eles citam Montaigne, Rabelais, (Le rire est le propre de L'homme), Anatole, Machado de Assis, mas interpretam mal o sentido do aforismo de Rabelais. O riso a que o francês alude não é o do sarcasmo e muito menos o riso parado das máscaras, porém o riso saudável, do animal-homem dentro da vida, com o coração e o cérebro, e não apenas com os bofes.

Houve porém um momento na obra literária de Lobato que esse ressentimento se atenuou, quase desapareceu. Foi o momento do seu romance americano, escrito numa juvenil exaltação do progresso e com a pretensiosa intenção de fixar o complexo problema racial dos Estados Unidos. Entretanto o fôlego não deu para tanto, que o assunto era exigente de vasta cultura sociológica e de muita observação sagaz, de perspicácia e de humanidade. O malogro da novela apagou esse otimismo passageiro, mas ficou para sempre (inclusive na literatura infantil) a preocupação de divulgar conhecimentos e de comparar as excelências superficiais da gente de fora com as falhas insanáveis da gente de dentro. E ficou a piada mordaz contra os entusiasmos, e o motejo sabido.

É comum ouvir-se afirmar nos meios literários que a obra de Monteiro Lobato é um marco divisório na evolução da língua brasileira. Seria o seu estilo tão brasileiro, que em Portugal teriam observado os críticos constituirem inúmeras páginas dos *Urupês* verdadeiras charadas? Nada menos significativo do que essas observações. A charada não provém, entretanto, como parece à primeira vista, de uma ousada expressão nacional, porém tão-somente do uso de vocábulos regionais que não figuram nos dicionários. Também Valdomiro Silveira é uma charada, e nada tem ele de brasileiro no estilo; ao contrário, dir-se-ia um clássico da língua, que adotasse um vocabulário exótico. Ora,são os vocábulos

que caracterizam a língua, mas a sintaxe, e esta, em Lobato, é voluntariamente portuguesa, intencionalmente obediente às injunções dos grandes autores lusitanos. Já assinalei, a propósito de outros livros regionais, o erro dessa cor local de cenário barato que é o emprego de palavras ou expressões regionais dentro de uma prosa em nada diferente da prosa habitual. Lobato não enriqueceu a nossa expressão; e ao lado da de um Mário de Andrade, essa contribuição brilha pela insignificância. Tampouco na própria técnica trouxe ele novidade. Continua tão-somente à maneira dos grandes mestres do passado, de olhos fixos nas soluções de Maupassant e outros naturalistas, nacionais e estrangeiros, e qualquer dos romancistas do Nordeste ou dos contistas do Sul é mais original e característico. Aliás não é de estranhar que assim seja. Do mesmo modo que Lobato se insurgiu contra a pintura moderna, o "malfatismo" de 1916 e contra o Aleijadinho, "esse santeiro vulgar", *(Revista do Brasil)*, ele se insurgiu contra a "paranóia" dos poetas de 22. . . O termo é dele. Poderia ter dito com mais acerto e sem depreciar menos "esquizofrenia", mas isso não vem ao caso. Seu acendrado formalismo não podia, com efeito, ver no jogo sutil das associações de idéias, nas descobertas inéditas, na eliminação da carga estúpida de certas conjunções (indispensáveis nos relatórios burocráticos), da lógica surrada do curso secundário senão paranóia, imbecilidade, impotência. Em matéria de inovação o sr. Monteiro Lobato parece aquele sujeito que era socialista mas "esse negócio da abolição da propriedade privada, da herança, do casamento a vínculo, não concordo não".

Com isso tudo, como se explica a posição excepcional de Monteiro Lobato em nossas letras? Creio que ela se explica por dois motivos principais: o "lançamento" de Rui Barbosa e a sua prisão no período ditatorial. Lobato era contra o governo. Sempre foi contra, o que não deixa de provocar enorme simpatia no Brasil, simpatia de tal monta que ninguém percebeu não ser ele "a favor" de ninguém. Daí a confusão de tomar-se o campeão do ressentimento pelo campeão da liberdade. E dessas circunstâncias beneficiou-se o escritor, que é de fato um grande escritor mas não um inovador e nem mesmo me parece um escritor essencial.

Meu artigo sobre Monteiro Lobato provocou uma onda de comentários, dois ou três aplausos preciosos alguma indignação. Entre os indignados houve um que me censurou por ter confundido Rabelais com Montaigne. Observe-se que a confusão não tem a menor influência sobre a essência da crítica, e que lapsos dessa ordem são tanto mais comuns quanto melhor a gente conhece os autores. Parece paradoxo, mas eu explico. Dois autores de nossa predileção tratam de um mesmo assunto. Como os lemos permanentemente pode acontecer pensarmos um nome e escrevermos outro, que nos é igualmente familiar. Acontece ainda ser o lapso tanto menos importante quanto mais conhecida é a citação. Todo mundo sabe, mesmo os que não leram Rabelais, ser dele o aforismo "le rire est

le propre de l'homme". Assim, sob essa forma sintética se divulgaram os versos com que se abre o primeiro volume de Gargantua:

Mieux est ris que pleurs écrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

Mas Montaigne era leitor de Rabelais cuja obra considerava "plaisante". E pensava do mesmo modo. No capítulo II, do livro primeiro, dos Ensaios ele desenvolve toda uma teoria da alegria, falando da tristeza que condena. E no capítulo XXV do mesmo primeiro livro, a propósito da educação das crianças ele escreve: "La plus expresse marque de la sagesse, c'est une esjouissance constante". Daí a origem do lapso.

Não li "apenas" Rabelais e sobretudo Montaigne. Estudei-os a fundo em curso que segui na Universidade de Genebra e posso dizer sem medo de contradição que conheço os franceses dos séculos XV e XVI. Especializei-me mesmo, na tradução dos textos quinhentistas e seiscentistas. Aí estão as traduções de Lery, Abbevill, e outros para prová-lo. Devo essa explicação aos leitores e a dou de bom grado, sem imaginar que isto empreste maior ou menor força ao meu comentário à obra de Lobato. Não julguei essa obra. Comentei-a. Nunca pretendi julgar o que quer que seja e sempre preveni meus leitores das falhas de uma possível crítica feita por contemporâneos. Neste ponto estou ainda com Montaigne: "Digo sem rebuços o que penso de todas as coisas, até mesmo das que porventura ultrapassam minha autoridade e que não considero de modo algum de minha jurisdição, e se o digo é mais para verificar a medida de minha percepção que para revelar a medida das coisas". Não julgo; tento exprimir-me a mim mesmo valendo-me, como ponto de partida, dos livros que leio. É uma conversa com o leitor, mais nada.

Ainda uma explicação a propósito de outro rodapé posterior antes que me digam que Gregório de Mattos não era mulato. . . Eu sei que seu biógrafo o considerou ariano puro. Veríssimo criticou a biografia de Manoel Pereira Rabelo por ser "parcialíssima". Mas outros se referiram ao sangue impuro do poeta. E sua poesia tão rancorosa contra os mulatos deve ser de quem tinha que esconder alguma falha genealógica. Se o homem não era mulato, o que pode ser posto em dúvida, sua mentalidade era de mulato que se esforçava por passar por branco. Sabe-se, pelos estudos de psicologia social mais recentes, a que ponto o mulato, como todo marginal, inclusive os cristãos-novos, se exacerbam na crítica a tudo o que pode recordar sua antiga condição.

Explico-me, não tenho a menor intenção de fazer polêmica.



Lobato com Artur Coelho, em Nova Iorque